
LAJOLO, Marisa. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora Unesp, 2018. 176 p.

**Andréa Maria Silva ¹,
Geam Karlo Gomes ²**

Num tom literário, crítico e dialógico, a obra *Literatura: ontem, hoje amanhã*, de Marisa Prilbert Lajolo (Marisa Lajolo), publicada em 2018, pela Editora Unesp, trata do conceito de literatura por meio de uma abordagem essencialmente criativa. A atualização dessa obra ao contexto contemporâneo reforça o caráter inovador do próprio conceito de literatura. Inicialmente publicado com o título *O que é literatura* (1982), pela editora Brasiliense, e depois, *Literatura: leitores e leitura* (2001), pela Moderna, a obra é revista, atualizada e complementada na tarefa de situar o leitor sobre os conceitos de literatura – calcados no passado, revistos pelo olhar crítico contemporâneo e o que ela poderá ser amanhã, repletos de novos gêneros e suportes de leitura.

Para dar conta do conceito de literatura, a autora recorre à vários trechos da ficção nacional – poesia e prosa – com um estilo literário de expor, descrever, argumentar, num diálogo intertextual incessante. Uma metalinguagem literária que não tem outra forma de se constituir a não ser por meio da construção da literariedade. Esse artifício, justificado pela autora como uma técnica adquirida por meio da leitura de romancistas – a exemplo de Machado de Assis – explica o caráter literário dessa obra, criando personagens diversos – o leitor, a leitora, a plateia, entre outros –, num diálogo ora intimista, ora imperativo, ora humorístico. Além disso, todos os títulos dos capítulos reforçam esse caráter poético, com o uso da anáfora “No qual se...”, sempre encerrando com uma espécie de refrão “...do que se chama literatura”.

Lajolo ainda trata da relação da literatura com o seu contexto histórico, realizando uma espécie de “*tour*”, da antiguidade ao contemporâneo. Ela ainda cita escolas literárias

¹ Universidade de Pernambuco (UPE) E-mail: andreasilvadvogada@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPPI), da UPE e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA. Líder do ITESI - Grupo de Pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas. Email: geam.k@upe.br

e deságua na atualidade do hap paulistano e dos *cybercafés*. Bem como, traça projeções do que pode vir a ser literatura, tomando como base a influência das novidades tecnológicas da cultura digital sem deixar de manifestar sua insatisfação diante da existência de um leitor acrítico, taciturno, mudo...

Primordialmente, no decorrer da obra, os questionamentos a respeito do que seja literatura ultrapassam os séculos e apresentam sempre respostas provisórias, pois, na proporção que o tempo avança, surgem novos conceitos. Assim, a definição de literatura está intimamente ligada às transformações sociais da época. Em meio às facetas e às ironias sagazes empregadas, a obra requisita um conhecimento prévio do leitor a respeito dos estilos literários em seus panoramas históricos.

Nessa perspectiva, são adotados vários critérios para classificar a literatura: o tipo de linguagem; a natureza dos textos; a identificação do autor sobre a obra; entre outros. Um critério complementa o outro, resultando numa interdependência entre os capítulos para responder à questão: “o que é literatura?” (LAJOLO, 2018, p.16). As respostas apresentadas não são consensuais, mas carregadas de ambiguidades, resultantes da própria natureza dos textos literários e a diversidade histórica. As várias definições do que seja literatura, no passado e no presente, apontam alternativas para o futuro, alertando que não há limites para o conceito de literatura – seus tipos, suas modalidades e gêneros. De modo semelhante, a obra aponta que a existência de uma obra literária está atrelada à necessidade de um escritor e alguém que se predisponha a ler, existindo uma relação de comunicação autor-leitor.

A obra está dividida em dezesseis capítulos. Logo no capítulo um, o leitor é convidado a refletir sobre o fato de que a literatura não é mais um privilégio para poucos, pois cresceu a ponto de coexistir espaços para literatura convencional e clássica e para as novas modalidades tão expressivas e valorosas quanto as de outrora. Na contramão dessas mudanças, as vozes “resmungonas”, como se refere Lajolo, continuam a perpetuar uma tradição cultural de negação, ligadas às questões financeiras, sociais e, por mais absurdo que pareça, também por etnia. De certo, e para tristeza de muitos, essas vozes ainda existem; e em sua maioria, são defendidas por brancos, tidos como intelectuais e com uma condição financeira favorável.

No capítulo dois, Lajolo defende a ideia de que os textos devem ter “cidadania literária”, independentemente de ser ou não um clássico, uma vez que um texto pode vir

a ser ou deixar de ser literatura. Isso porque os percalços e as dificuldades impostos aos escritores anônimos ainda é muito grande, pelo fato de que a indústria se nega a correr riscos financeiros e, em sua maioria, investe em uma literatura sob medida, para um tipo específico de público, e isso é extremamente negativo.

Na sequência, o capítulo três aponta a prática recorrente da literalização ou desliteralização de uma obra, através de um juízo de valor nitidamente institucionalizado por intelectuais, pela crítica e por tantas outras instituições que julgam deter este poder, taxando “às escuras” o que seria ou não literatura. A escola, nesse sentido, é a maior avalista e fiadora desse processo, por emitir um juízo de valor elitista engendrado por uma minoria responsável por esse processo.

No capítulo quatro, a discussão continua em torno do questionamento do que seria literatura, dessa vez, defendendo que o conceito de literatura é tão mutante quanto a sociedade. Nessa abordagem, chega-se à conclusão de que as definições sobre o que é literatura são menos importantes do que o caminho percorrido para chegar às respostas pretendidas.

Por conseguinte, no capítulo cinco, Lajolo recorre ao dicionário Aurélio para encontrar respostas ao que é a literatura. Dez significados apresentados pela autora servem de arcabouço para perceber que literatura e escrita mantêm aproximações semânticas. Contudo, a definição do que seja literatura perpassa certa resistência em virtude de que cercas nuances de sonoridade, visualidade e improvisos de textos literários, como os da canção popular, que ainda recebe polêmica recepção quando se trata de definição desse gênero como literatura.

A multiplicidade de linguagens na literatura é o tema do capítulo seis. Nele, a autora traz à tona a reflexão de que não há uma receita mágica para construção de um texto literário, uma vez que toda e qualquer construção linguística pode ou não literalizar o texto. Isso porque não é o tipo de linguagem que vai configurar a literatura, mas sim, a relação que as palavras vão estabelecer no contexto. De igual modo, é o juízo de valor empregado na recepção leitora e a relação dialógica do leitor com o texto. Nas palavras da autora, isso ocorre “[...] quando e apenas quando –, através de um texto, autor e leitor (de preferência ambos) suspendem a convenção da linguagem corrente.” (LAJOLO, 2018, p.49-50).

Posteriormente, no capítulo sete, Lajolo explica que a literatura é uma “porta” para vários mundos, que não se fecha quando finda a obra, mas que, naturalmente, são incorporadas às vivências do autor, marcando-o semelhante a uma viagem realizada em um dado momento de sua vida. Por esse viés, autora afirma que tudo que se lê, marca o leitor, independentemente do que seja real ou fictício, haja vista que toda criação literária nasce da imaginação do autor ancorada na realidade, o que implica na concepção da literatura em sua relação com o fantasioso e o verossímil.

A discussão sobre a chegada das escolas literárias – Pré-Modernismo, Modernismo e Pós-Modernismo, em meados do século XX e XXI – faz parte do capítulo oito. Nele, a obra versa sobre a identidade literária de um Brasil plural – voltada para crianças, jovens, mulheres, negros, homossexuais, índios, imigrantes –, perpassando diversos autores e obras da poesia e da prosa (romance policial, ficção científica, esoterismo, autoajuda, reportagem, crônica etc.).

No capítulo nove, a autora discorre sobre a literatura grega, com as contribuições de Homero, em *Odisséia*, época em que o teatro já se fazia presente com as grandes tragédias gregas, representando os conflitos humanos.

A expansão do mundo grego para o mundo cristão da Idade Média marca a abordagem do capítulo dez, que explica o cumprimento de novos papéis da literatura na sociedade, mesmo em tempos com padrões extremamente rígidos. Lajolo discute que naquela época a leitura textos literários era um privilégio de poucos, os livros eram caríssimos e poucos sabiam ler. Mesmo em meio a esses entraves, a literatura pagã era prontamente consumida, contrastando com a teologia da Igreja Católica, que se esforçava em proibir quase tudo. Para a autora, isso mostra a força inimaginável da literatura.

A despedida da Idade Média e o início do Barroco sela o capítulo onze. Lajolo comenta que nesse período inicia a escola literária dos extremos, que versa sobre o Céu e a Terra, homem e Deus, pecado e virtude. O catolicismo se faz presente, sendo comum a literatura de conventos, com a recorrência da retórica, principalmente com o gênero sermão.

Adiante, no capítulo doze, a autora discorre a respeito de que a vida se modernizou e o artesão deu lugar ao operário e as máquinas. Assim, para operá-las, era necessário saber ler, dando início a um novo ciclo cultural que, conseqüentemente, permitiu que o mercado livresco fosse ampliado.

No capítulo seguinte, Lajolo explica que por volta da metade do século XX, os leitores já se encontravam mais exigentes, menos românticos, mais racionais, ocasionando a perda da força do Romantismo e a chegada do Realismo, com a proposição de um novo conceito de realidade em que a ciência se torna base para o verossímil.

O “*tour*” sobre os períodos históricos da literatura continuam no capítulo catorze, quando a autora trata do Parnasianismo, fim do século XIX e início do século XX. Aqui a obra oferece uma percepção sensorial sobre a relação leitor-escritor, favorecendo outros modos de literatura. A respeito do século XIX, Lajolo ainda comenta que ele foi extremamente significativo, visto deteve a crença no poder criador da linguagem e isso implicou na importância do encontro entre escritor e leitor.

Na sequência, o capítulo quinze tece considerações sobre o fato de que a literatura assumiu os mais inesperados suportes, em que os antigos podem perfeitamente conviver com os mais recentes. Por essa razão, os espaços de leitura são os mais diversos, com variadas linguagens e códigos, dando vez e voz aos novos escritores.

Essa perspectiva tem continuidade no minúsculo capítulo dezesseis, em que Lajolo profere a grande mensagem da obra, afirmando que mais importante do que questionar o que é literatura, é mergulhar nela, rompendo as fronteiras, livrando-se dos preconceitos, evadindo as divisas e estando sempre aberto ao novo.

Indicado para professores em formação inicial, professores em atividades laborais e leitores múltiplos de diferentes faixas etárias – desde que manifestem em comum o interesse pela literatura –, *Literatura: ontem, hoje amanhã* apresenta a condição vivaz e renovada da literatura, muito longe dos prognósticos pessimistas. Os argumentos da autora valorizam o fato de que a literatura extrapola conceitos engessados, defendendo o trato por vias menos formais do que aquelas eleitas por uma classe de leitores mais sisuda e apreciadora da erudição. Essa perspectiva leva o leitor a diversos questionamentos e descortina novas modalidades da literatura. Isso porque, diante de um cenário multifacetado, a literatura “fervilha” através de outros suportes que vão além do texto escrito. Enfim, uma obra que conceitua a literatura como um organismo vivo, em que os conceitos estão em constante reconstrução, e por isso, abertos às constantes mudanças.

